

FREI BETTO

# Zumbi

**T**eve início, na segunda-feira, a Jornada Zumbi pela Vida. Promovida pela CUT, mobiliza inúmeras pessoas que caminham de São Paulo a Aparecida, aonde chegarão dia 15. No sábado, dia 10, comemora-se o Dia Nacional contra a Discriminação Racial. E dia 20, os 300 anos do martírio de Zumbi, assassinado em 1695, no Quilombo dos Palmares, por defender a libertação dos escravos.

Zumbi — que na língua quimbundo, dos bantos de Angola, significa “duende” — nasceu livre no Quilom-

bo, em 1655. Jovem, foi capturado por soldados e doado ao padre Antônio Melo, que o batizou como Francisco e lhe ensinou português e latim. E, talvez, o direito à liberdade. Em 1670, voltou ao Quilombo. Empenhou-se em sua organização, sobretudo na resistência aos ataques militares, tornando-se o líder. Em Palmares, lugar de difícil acesso no alto da Serra da Barriga, concentravam-se os negros foragidos das fazendas de cana-de-açúcar de Pernambuco e Alagoas. Eram apoiados pelos índios. O Quilombo de Palmares era o maior de todos e, como oásis de liberdade, durou



**Com a  
escravatura  
aboliu-se  
também o  
acesso dos  
negros à terra**

quase um século, de 1600 a 1695, com cerca de 20 mil habitantes — então, 15% da população brasileira.

Por temer que Palmares se alastrasse como exemplo, esvaziando os engenhos de mão-de-obra escrava, os usineiros, com apoio do Estado, convocaram o bandeirante Domingos Jorge Velho. Embora considerados heróis pela historiografia oficial, muitos bandeirantes não passavam de uma versão barroca de esquadra da morte rural. Que o digam os índios e negros... Zumbi, após renhida luta, foi martirizado.

Três séculos depois, a luta de Zumbi ainda espera por vitória. O Brasil é a segunda nação negra do mundo, superada apenas pela Nigéria — 50 milhões de brasileiros são negros, sem contar aqueles que, como eu, são considerados brancos, malgrado o sangue negro que trazem nas veias.

Nossa História registra o mais longo regime escravocrata da América Latina: 320 anos. Cerca de 5 milhões de homens e mulheres livres foram caçados como animais ferozes na África e trazidos, à força, para trabalhar em nossas minas e engenhos. Nenhum bispo protestou. Mesmo porque o

papa Nicolau, em 1454, já havia autorizado o rei de Portugal a escravizar qualquer nação africana... desde que fosse administrado o batismo! Entre os séculos 15 e 18, opor-se à escravidão era considerado loucura, era se opor à fonte de riqueza. Algo equivalente a, hoje, combater os juros ou advogar o fim do latifúndio. Os traficantes de escravos não eram ateus, nem de outras religiões, mas católicos. Pela teologia da época, um ser humano que morresse sem batismo não ingressaria no Céu. Os captores não queriam expor seus cativos ao risco de condenação eterna. Em cada porto, um sacerdote batizava compulsoriamente, sem catequese, os negros. E o sacramento era registrado, a fogo, na pele do batizado.

Dizia-se: “Sem escravos não há açúcar e sem açúcar não há Brasil.” Nem o padre Vieira, que tanto defendeu os índios e enfrentou a prepotência da Corte, teve sensibilidade à causa africana: “Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à cruz e à paixão de Cristo do que o vosso num destes engenhos de açúcar. (...) Num engenho, sois imitadores do Cristo crucificado, porque padeceis de modo semelhante ao que o próprio Senhor padeceu. Os ferros, as prisões, as chicotadas, os insultos... de tudo isso se compõe a vossa imitação, a qual, se vai acompanhada de paciência, também terá o seu merecimento de martírio. Quando estais a servir os vossos senhores, não sirvais como quem serve

a homens, mas como quem serve a Deus.”

Nem São Pedro de Claver, que se consagrou aos negros, denunciou a escravidão. Salvo engano, as únicas exceções são os padres Miguel García, Gonzalo de Leite, Epifânio de Moirans e frei Francisco José de Jaca. E também Bartolomeu de Las Casas.

O curioso é constatar que, como o trabalho escravo — que o presidente FH prometeu erradicar —, essa teologia ainda vigora. Salva-se a alma, dane-se o corpo explorado, faminto, excluído da terra e do emprego. A História seria muito diferente se a Igreja se empenhasse, como Jesus, pela salvação do ser humano como unidade corpo/espírito. Bastaria que a Igreja Católica reagisse, diante de tantas Marias submetidas ao serviço doméstico por um salário injusto ou aprisionadas injustamente como Diolinda, rainha da terra, com a mesma indignação que o fez no caso da agressão à imagem de Aparecida, rainha do céu. Ou será que, para nós, o sábado é mais importante do que a pessoa? (*Marcos 2, 23-28*).

Com a abolição oficial da escravatura, em 1888, aboliu-se o direito dos negros de acesso à terra. Assim, eles se tornaram duplamente marginalizados, pela discriminação racial e pela pobreza. Felizmente, cresce a consciência negra. E a visão de que a luta contra a discriminação deve ser travada junto à luta pela emancipação social.

■ *Frei Betto é escritor*

05 SP  
8/11/95  
33  
42

DOCUMENTOS